

Sumário

<i>Introdução</i>	7
1. Princípios gerais.	9
2. Manifesto da revolução psicológica: reformulação do ensino de psicologia	19
3. Fundamentos do uso da câmera em psicoterapia	36
4. O corpo fala?	48
5. Discutindo a relação	71
 <i>Anexo 1</i>	
<i>Cartilha do PM – Partido das Mães</i>	87
 <i>Anexo 2</i>	
<i>Produzir um novo homem</i>	111

Introdução

O objetivo primário deste conjunto de ensaios é a fundação de uma *faculdade para formar de agentes de transformação social*. Profissionais com essa característica vêm se fazendo cada vez mais necessários.

Nosso mundo muda rapidamente, impulsionado pela tecnologia e pelo capitalismo, este financiando aquela, a fim de vencer a concorrência e maximizar os lucros. Ambos sem levar em conta nossa capacidade e velocidade de adaptação.

De outra parte, estudos em várias áreas das ciências humanas demonstram que o ser humano adulto tem capacidade reduzida de modificar seu comportamento. Na verdade, todas as formas de educação vigentes na família e na escola tendem a reforçar o conservadorismo da tradição e o anacronismo da ideologia autoritária.

Às modificações materiais acrescentam-se transformações sociais de monta, e o ser humano se sente cada vez mais estranho e mais fora do mundo que ele mesmo vai criando.

Exemplos grosseiros: povos e populações marginalizados ou “atrasados”, ao receber instrumentos de progresso (digamos, má-

quinas agrícolas ou apartamentos com encanamento, luz e gás), mal sabem usar essas benesses e frequentemente as usam mal. É imperativo que sejam educados para que possam se beneficiar de tais mudanças.

A família, em particular, sempre elogiada como núcleo social e pedagógico primário, recebe, na verdade, pouquíssimos recursos materiais e educativos. Às mães, centros primários de educação, pouca ou nenhuma assistência é prestada. Nem se cogita a criação de uma Escola de Família. Maternidades e creches são organizadas e regidas por homens – que não sabem e nunca saberão o que é gestar, dar à luz, amamentar e/ou cuidar de uma criança.

Desse modo, jamais nascerá o tão esperado “homem novo” – o habitante do mundo de amanhã ou de hoje!

Por esses e outros motivos torna-se imperativo começar a pensar em *uma revolução pacífica organizada, assistida – e pedagógica*.

É um bom modo de preparar para logo mais um mundo melhor do que o de hoje. Revolução pacífica organizada é bem a ideia: uma escola para a formação de agentes de transformação social.

A aldeia global sofre de relações *interpessoais* e *intrapessoais* péssimas, como se pode ver em qualquer jornal ou conversando com qualquer pessoa.

Fator fundamental nessa infelicidade coletiva é uma falsa noção sobre o homem – noção idealizada. Somos muito mais crus, primários, espertos, astutos, cruéis e exploradores do que confessamos. É sempre *o outro* que não presta. Eu sou sempre ótimo, assim como meu bairro, minha cidade, meu país, minha cultura. O mal está sempre fora de mim – do lado de lá –, justificando, portanto, tudo que faço de mal contra eles, os outros, os “inimigos”.

Trata-se de um profundo hábito *biológico*: o diferente é perigoso, o semelhante é bom; e assim se resolve, em primeira instância, o problema gravíssimo de nossa agressividade – cultivada *durante dois milhões de anos em nossa vida de caçadores errantes*. Toda essa agressão se dirige *para fora*, e a tribo aparentemente vive em paz (não fossem os maus espíritos...).

Um elemento fundamental de nossa “educação” é aprender a “fazer de conta” que tudo que é dito na ideologia é verdade. Mãe

é sempre maravilhosa, pai é sempre admirável (metade dos pais brasileiros é de alcoólatras crônicos), crianças são divinas, o governo é justo, vela e zela por nós, todos os brasileiros são excelentes, nós somos *Homo sapiens*.

Depois dessa ladainha de verdades mais do que precárias, desse aprendizado contínuo de frases feitas – e falsas –, como nos será dado influir eficazmente sobre as coisas a fim de melhorá-las? Como construir um mundo melhor sobre essa areia movediça de convicções falsas?

O caso da família é paradigmático: vivemos dizendo – *em público* – que família é ótimo, mas *em particular* nos queixamos dela. Qual das duas famílias é a verdadeira? Falando maravilhas da família, omitimos sistematicamente este fato: é em família que mostramos nossos *piores* comportamentos. É em família que começa o autoritarismo – crianças não podem aprender por experiência própria, não são responsáveis, nada podem fazer para se proteger dos maus-tratos que lhes são infligidos pelos adultos. Isto é, *desde o começo NÃO aprendemos reciprocidade nem participação*. Espera-se que as pessoas, educadas autoritariamente até os 20 anos, sejam depois... independentes e democratas! Durante os primeiros quinze anos, na família, sexo NÃO EXISTE. Pode-se imaginar tolice mais rematada do que essa? No entanto, ela é aceita e consagrada pela ideologia como questão pacífica e imutável... Consequência (uma delas): gravidez na adolescência.

É preciso rever a ideologia da família para que possam surgir cidadãos mais realistas, mais responsáveis, mais cooperativos.

Aos 3 anos de idade já temos 90% do cérebro pronto.

TODAS as escolas de psicoterapia são unânimes: nossa desgraça pessoal e coletiva começa *nos cinco primeiros anos* da vida – na família, instituição educativa mais do que precária, muito falada e pouco estudada ou cuidada.

A dificuldade de transformar modos de vida – apontada com ênfase por todas as escolas de psicoterapia – se deve ao fato de quase todos sofrerem de maus hábitos parecidos, de tal forma que pessoas mais bem orientadas pareçam “anormais”, “loucas”...

Derivações: falsa noção de adulto (ou maduro)/criança. O adulto é responsável, bem equilibrado, consciente, sabe o que faz, tem muito que ensinar. A criança é tola, irresponsável, fantasiosa, engraçadinha e inútil...

O mesmo se diga da dupla governo/povo e, enfim, chegando ao nosso ponto, da relação escola/MEC/professor e aluno. Na escola, como na família, trabalha-se com o mesmo princípio falso: o de *que é possível transferir experiências pessoais*, de tal forma que o aluno estará seguro de não cometer erros – porque aprendeu a evitá-los. Assim como os pais, com seus dizeres bem-intencionados, acreditam proteger os filhos dos erros que *eles mesmos* cometeram...

A escola, do ensino fundamental à universidade, continua autoritária: os de cima dizendo tudo que os de baixo *têm de aprender* – porque os mais velhos sabem o que fazem (veja-se a Guerra do Iraque, por exemplo). A escola continua com alunos emocional e caracteriologicamente imaturos – por dependência familiar e econômica, por estarem, crianças e jovens, proibidos de experimentar, arriscar e errar, modo perfeito de impedir qualquer *aprendizado operante*.

Na escola, continua o aluno a querer saber qual foi a “matéria dada” a fim de “passar de ano” – finalidade máxima dessa coisa esdrúxula chamada faculdade.

Continua o aluno obrigado a aprender tudo que os mais velhos acham importante – mesmo que não tenha nenhum interesse ou valia para ele, hoje mais do que em qualquer outro tempo! Quase toda a “educação” escolar parte do princípio de que é preciso